

FESTA NO SERTÃO

Margarida Maria Moura*

No Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, durante o mês de junho em certos municípios e no mês do outubro, na maior parte deles, ocorre a festa de Nossa Senhora do Rosário. Centenas de fiéis participam destas festas. A cidade do Serro, localizada nas nascentes do Rio Jequitinhonha, é a mais frequentada de todas. Chamada de "festa dos pretos", estava ligada no passado à devoção da população escrava. Tornou-se depois "festa dos pretos livres", até tornar-se nos dias de hoje "festa dos pobres" e "festa do povo".

O Serro se transforma nesses dias. A população municipal duplica. Chegam pessoas dos municípios de Rio Vermelho, Datas, Conceição do Mato Dentro, Itambé, Diamantina e Monte Azul, além de gente de Belo Horizonte e São Paulo. Várias casas são alugadas, casas habitadas se enchem de hóspedes, multiplicando os moradores. Os pequenos hotéis da cidade abrigam turistas de classe média alta.

Em princípio, vai-se assistir a uma "festa folclórica tradicional" de uma antiga área de mineração do ouro, que acolhe devotos de áreas periféricas, principalmente pretos e pardos que, uma vez libertos ou livres, mantiveram intacta a sua devoção à padroeira, Nossa Senhora do Rosário. De fato, essa é uma parte da história. Mas o quadro é bem mais complexo do que isto.

A origem social de um grande número de devotos é clara. São trabalhadores rurais que retornam do corte da cana em S. Paulo, são trabalhadores urbanos que moram na periferia de B. Horizonte, são peões das empresas reflorestadoras do próprio Vale, bem como inúmeros sitiante pobres da região. No caso das mulheres, trata-se de domésticas, operárias ou simplesmente donas de casa que hoje vivem e trabalham na Grande Belo Horizonte, bem como esposas e filhos de peões de empresa ou donos de pequenos sítios já mencionados. Famílias urbanas que moram em cidadezinhas do Vale, que vivem do comércio, do biscate e do emprego doméstico comparecem também.

Antigamente, o circuito tradicional de

romeiros era: roça-Serro-roça. A partir do final da década de 50 o circuito Belo Horizonte-Serro-Belo Horizonte tornou-se forte. E a partir da década de 70, o circuito São Paulo-Serro-São Paulo começou a ganhar uma grande expressão. Todos foram se somando e, com a migração definitiva ou temporária, retornando ao sertão em função do mesmo atrativo: participar da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Estas pessoas vêm assistir a um quase ininterrupto ritual que dura no mínimo três dias e que entrelaça harmoniosamente as funções da igreja nas ruas e em algumas casas especiais. Dançarinos que participam dos "congados" em honra da santa, expectadores que vêm assistir a reza configuram aparentemente uma população regional vivendo seu folclore. Conversando e entrevistando as pessoas, fica-se sabendo que não só expectadores vêm de fora. Dançarinos e festeiros também podem estar morando longe e terem assumido o compromisso de "fazer a festa".

Os grupos de congado são os "marujos" - povo do mar -, os "caboclos", povo da serra - e os "catopês" - povo da África. Não há dificuldade de se identificar neles os três grupos étnicos formadores da nacionalidade brasileira. Além deles, há os reis do Rosário e sua corte. São estas as suas identidades na festa.

No cotidiano eles se chamam quase sempre de "braçais". "Braçal" é aquele que é diferente do que "tem profissão". O "braçal" pega no pesado, faz qualquer tipo de serviço. Diz respeito aos trabalhadores que não moram permanentemente na zona rural. Quem "tem profissão" é aquele que aprendeu um ofício - de carpinteiro, pedreiro ou retreiro, isto independente de ser a pessoa autônoma ou assalariada. O "braçal" é aquele "avulso" que pode ter serviço num período mas não ter no outro, ficando então "parado". É aquele que alterna as tarefas na sua roça ou na cidadezinha com idas anuais a São Paulo para trabalhar na cana, no café, no amendoim. São tarefas de braçal o carregamento de caminhões, a limpeza pesada, as grandes capinas, o corte de cana.

No Serro, os "catopês" são os mais idosos e quase todos são moradores do lugar. Os "marujos" são habitantes do Serro e de Belo Horizonte em metades iguais. Já entre os caboclos, aumenta o

número dos que moram em Belo Horizonte. O reinado, que inclui o Rei e a Rainha e sua corte, são eleitos anualmente pelos membros da irmandade do Rosário entre dois candidatos, pelo sistema de contagem de favas escuras versus favas claras. Tem havido reis e rainhas e corte que moram no Serro, em Belo Horizonte ou mesmo São Paulo.

Os serranos que moram em Belo Horizonte habitam vizinhanças muito próximas em bairros para além da Avenida do Contorno, proximidade esta não somente crucial para "fazer a festa", como para assegurar apoio social e moral no cotidiano. Estas aglomerações estão localizadas em maior número nos bairros Vera Cruz, Santa Cruz e Flamengo. Já devotos de outras festas do Rosário em outros municípios do Vale puderam ser encontrados na cidade de São Paulo, no bairro da Capelinha - nome também de uma cidade do Vale do Jequitinhonha - e nas periferias canavieiras da cidade de Ribeirão Preto.

Os festeiros são anualmente selecionados para cobrir os gastos da festa. Entre os chamados "dançantes", é dos "caboclos" que continuam vindo as contribuições mais substanciais para "fazer a festa". Conheci um importante casal de "caboclos" e "fazedores de festa", que infelizmente veio a falecer nos anos oitenta. A responsabilidade por estas práticas passou para dois filhos seus e, com o falecimento de um deles, para um dos filhos e para os netos. Refiro-me aqui à família Rabelo.

Moradores na periferia da capital mineira, este mestre de obras, caboclo, pai e avô de caboclos e marujos; e ela - dona de casa - economizavam o ano todo com as seguintes finalidades:

- pagar a passagem ou "ajudar na passagem" do maior número possível de pessoas que quisessem voltar por ocasião da festa; preferencialmente para os que dançam caboclo;
- comprar gêneros alimentícios para sustentar não só dançarinos como expectadores muito pobres, principalmente da roça, que serão beneficiados durante os dias da festa com a distribuição gratuita e ostensiva de comida;
- custear despesas de roupa, sapato para os músicos-dançantes, bem como fogos de artifício, decoração e pagamento do padre.

Perguntados sobre o porquê de voltarem para "fazer a festa", os "ausentes"



Foto: Arquivo CEM



Foto: Arquivo CEM

sempre falam da roça empobrecida, da fazenda que “despeja” o agregado, da empresa florestal que “fecha” o situante, invadindo seu cantinho. Falam do trabalho na cidade grande, para sempre ou por um pedaço do ano e do trabalho nas fazendas ricas do interior paulista. Refazem o caminho de várias linhas migratórias que os brasileiros pobres percorrem na busca de trabalho, na cidade e no campo capitalizado, na busca da devoção e do modo de vida antigo e muito amado, na roça e na igreja da pequena cidade.

O crescente êxodo rural, definitivo e temporário caracteriza o Vale do Jequitinhonha há algumas décadas. Ele deve ser atribuído fundamentalmente à fazenda que eliminou o trabalho do agregado e sua família e às empresas reflorestadoras que invadiram, nas grotas e chapadas, a posse costumeira do situante e sua família.

Ampliou-se a terra destinada a pastagens, tendendo o Vale a funcionar como área de cria, vendendo os rebanhos ainda jovens para regiões contíguas como Montes Claros e Mucuri, que se encarregam da engorda e abate e venda.

A afirmação muita vezes ouvida de que o Jequitinhonha “perde bois e homens” quando ficam adultos “ganha sentido e aponta para uma região onde não são os homens que mantêm os bois à distância, nem são os bois, somente, que expulsam os homens - como mostra a literatura sobre as transformações capitalistas ocorridas em certas áreas do país - mas aponta para um lugar que suporta duplamente o fardo da desigualdade com a perda de suas duas maiores riquezas.

A festa de Nossa Senhora do Rosário em tantos municípios do Vale do Jequitinhonha e, de modo especial, no Serro abre caminho à compreensão das representações mentais de seus participantes, bem como dos aspectos mais salientes e dramáticos de suas relações sociais.

Ela tem o potencial de um acontecimento e de um sintoma, já que nela se reúnem rurais expulsos da terra e outros que só temporariamente perdem seu contato com o campo. O retorno à terra natal está ligado a datas específicas na marcação simbólica do tempo. E tais datas não servem somente à prática religiosa, seja sacramental, seja devocional, mas destina-

se a visitas a parentes, a pagar a conta pendurada na venda e até como ocasião adequada para justificar uma mudança de emprego na capital, emprego este que não se podia mais suportar.

As únicas datas que um camponês ou ex-camponês sertanejo falta ao serviço sem temer os efeitos de uma despedida é a última semana de junho ou a segunda de outubro, as datas mais consagradas para a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário. As outras oportunidades de viajar ao sertão são as festas de dezembro e a Semana Santa no mês de abril.

Todas estas datas estão cheias de razão cultural. São João e Rosário em junho e Natal dividem o ano em duas metades perfeitas; a primeira culminando ou se iniciando no dia 24 de junho, noite do Precursor ou Batizador, que anuncia o fim do tempo das águas; a segunda, culminando ou se iniciando em 24 de dezembro, noite do Salvador, que anuncia o fim do tempo da seca. Do mesmo modo, as festas de outubro e a Paixão de Cristo, em abril, também dividem os semestres à perfeição.

Vale notar que em ambos os casos há uma data mariana que se contrapõe e se completa com uma data ligada a Jesus. Junho: Maria mas também Jesus. Dezembro: Jesus mas também Maria. Abril: Jesus mas também Maria. Outubro: Maria mas também Jesus. Entre outras crenças estas são muito importantes para se compreender o pensamento do homem e da mulher sertanejos de Minas Gerais.

A força simbólica de Nossa Senhora do Rosário como poderoso motivador e mobilizador de um retorno periódico ao sertão ou da permanência ali, sustentando assim do ponto de vista do sistema de crenças uma explicação do mundo cheia de sentido, nesce efetivamente dos seus “sinais”. Conta a lenda que Nossa Senhora de Rosário estava em cima do mar. Vieram os caboclos, que eram os índios, povo da terra, tocar seus instrumentos de música, para que ela se aproximasse da praia, mas ela não se moveu. Vieram então os marujos, povo do mar, tocaram suas rabequinhas, seus sopros e ela se moveu um pouquinho e nada mais. Finalmente, vieram os catopês, o povo da África, os mais desvalidos de todos. Tocaram seus instrumentos e ela foi se aproximando, se aproximando, até chegar à praia e ir com eles. É por esta razão que os mais pretos e



Foto: Arquivo CEM

mais pobres são, mais que qualquer outro grupo, o povo do Rosário.

Nossa Senhora do Rosário era santa dos pretos escravos (em oposição aos brancos livres), que eram os pobres mais pobres, excluídos da terra e da condição de pessoa. Com o passar do tempo a pobreza foi se dissociando parcialmente da cor da pele sendo "adotada" como padroeira de muitas pessoas pobres em oposição a invocações de Maria dos "ricos", como Nossa Senhora do Pilar ou Nossa Senhora do Carmo. Expressando uma divisão de tipo vertical - preto X branco, pobre X rico -, a invocação de Nossa Senhora do Rosário é diferente das invocações setoriais (como, por exemplo, Santa Luzia, padroeira dos olhos, independente de serem olhos de ricos ou olhos de pobres; São Cristóvão, padroeiro dos motoristas, independente de serem os mesmos ricos ou pobres). Ela é também diferente do universalismo dos patronos e padroeiras nacionais instituídas pela Igreja Oficial, como é o caso da invocação da Aparecida, padroeira do Brasil e de todos os brasileiros.

A festa de Nossa Senhora do Rosário tem mostrado muita vitalidade e capacidade de perdurar através do tempo. Ela está muito ancorada na solidariedade atual das pessoas que ela atrai. Isto é, ela cria e recria vínculos que a viabilizam e que também amenizam as aflições de seus devotos longe do sertão, na cidade grande, onde informações sobre empregos, consultas médicas, apoio moral e material precisam circular constantemente, bem como na roça, na cidade pequena, reativando laços de parentesco e amizade entre presentes e ausentes.

"Ver a santa" pode querer dizer também encontro com futuros companheiros de trabalho ou serviço fora da região. Tais encontros e reencontros, que fazem parte dos preparativos e atos da festa, são pontos de partida também para a compreensão das invasões e expulsão da terra de agregados e situantes desta região. Aliás, devo acrescentar que foi através da Festa do Rosário do Serro que comecei a adentrar pelo Vale do Jequitinhonha, conhecendo então a situação dramática da perda parcial ou total das condições de produção por parte dos lavradores que trabalham com a ajuda da família.

Comparecendo-se à festa por anos consecutivos, tem-se impressão de abundância.

A festa é sempre bela, farta, rica e isto não deve ser somente atribuído à "inversão das regras do cotidiano", que os ritos de calendário costumam permitir. Esta abundância tem também um limite e muitas festas do mesmo tipo mostram-se tristemente decadentes pelo Brasil afora. A situação de pobreza do Vale do Jequitinhonha contrasta com a festa e com outras festas locais; isto ocorre porque é em parte significativa financiada de fora para dentro e injeta-se na área recursos havidos de ganhos e salários urbanos.

Quando participantes da festa, devotos, dançarinos, reinados e até festeiros explicam que ficaram na "tutaméia" e tiveram que migrar, eles expressam através de uma categoria que Guimarães Rosa narrou no Conto "Arroio das Antas", nas páginas do livro de mesmo nome: Tutaméia. Foi no sertão que ouvi pela primeira vez a expressão "acabou na tutaméia", a privação sem remédio, que obriga a busca de uma outra vida, complementar ou permanente lá fora, mas que cria reencontros entre os que tentam fugir dela e os que continuam vivendo-a até hoje.

É da união entre os que saem e os que ficam, é da separação física que não se realiza enquanto separação social, que renasce anualmente o ciclo do Rosário.

* Margarida M. Moura é do Dpto. de Antropologia da FFLCH/USP.

BIBLIOGRAFIA

- MOURA, Margarida Maria - A Morte de um Rei do Rosário, in Martins, José de Souza (org.). *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. Hucitec, São Paulo, 1980.
- MOURA, Margarida Maria - Liberdade e Igualdade: reflexões sobre campesinato sertanejo e política. *Cadernos CERU*, n. 3, série II, 1991.
- MARQUES, Maria Lira e VANDER POEL, Francisco - *Com Deus me deito com Deus me levanto*. Edições Paulinas, Rio de Janeiro, 1980.
- ROSA, João Guimarães - *Tutaméia* - terceiras histórias - José Olympio, Rio de Janeiro, 1976.
- SANTOS, Joaquim Felício dos - *Memórias do Distrito Diamantino*. Ed. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1956.
- ST. HILAIRE, Auguste de - *Viagem pelo Distrito Diamantino e Litoral do Brasil*. Itália/Edusp, São Paulo, 1976.